

Entrevista **Marcelo de Paiva Abreu, professor de Economia**Saiba mais em:
www.publico.pt

O Brasil (ainda) é um BRIC muito especial que cresce pouco

Teresa de Sousa

Marcelo de Paiva Abreu aponta os pontos fracos do boom económico do Brasil: poupança interna, falta de competitividade, peso excessivo do Estado

● Professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, colunista habitual da imprensa, Marcelo de Paiva Abreu tem uma visão crítica do boom económico brasileiro. Alerta para alguns estrangulamentos que ainda podem condicionar o futuro. O Brasil é visto de fora como o exemplo de boa gestão macroeconómica e a sua economia regista taxas de crescimento verdadeiramente chinesas. Como mostrava a célebre capa da *Economist*, o Brasil levantou voo. Já não há risco de uma aterragem forçada? Creio que há uma percepção equivocada a respeito do Brasil no exterior. As taxas chinesas [a economia cresceu 9 por cento no primeiro semestre deste ano] são apenas taxas semestrais, após uma queda substancial da actividade. Houve uma recuperação da economia. Mas, se fizermos contas numa base anual, o crescimento do Brasil no segundo mandato do Presidente Lula será algo da ordem dos 4,5 por cento ao ano. Falta-nos bastante para chegar aos níveis “chineses” ou até indianos. O Brasil é um BRIC [Brasil, Rússia, Índia e China] muito especial que, como os russos, cresce pouco. É óbvio que houve uma grande conquista em relação ao passado. Temos uma economia estável, a inflação está sob controlo, mas em termos de crescimento ainda há motivo de preocupação.

Essa preocupação deriva de quê?
A formação bruta de capital fixo em percentagem do PIB é inferior a 20 por cento, comparada com níveis muito altos no caso da China, ultrapassando os 40 por cento. E um corolário dessa taxa de poupança baixa é que qualquer aceleração do crescimento será feita com base na poupança externa e, portanto, haverá um défice da balança de transacções correntes importante. A menos que haja um aumento substancial da capacidade de poupar internamente.

E esse crescimento da poupança interna pode depender de quê?
O Brasil tem “acomodado” a necessidade de realizar gastos maiores através do aumento da carga tributária. Esse é um processo que se vem desenrolando há 15 anos e, obviamente, existem limites a essa estratégia de ajuste através do aumento dos impostos. Essa é a grande hesitação política em relação à abordagem de problemas que são



fundamentais, como o desequilíbrio estrutural das contas da segurança social, o aumento explosivo dos gastos do governo central e daí para a frente. Há ainda muito que fazer em relação ao equacionamento das contas públicas para encontrar uma estratégia que não seja o aumento permanente da carga tributária. Um estudo do Banco Mundial sobre o ambiente para os negócios colocava o Brasil numa posição bastante negativa, atribuindo o facto ao sistema tributário, mas também ao peso e à complexidade da burocracia. Isto pode transformar-se num estrangulamento ao crescimento?

Sem dúvida. Há muito que fazer em relação à redução da carga burocrática. Há milhares de regulamentações que não fazem sentido, o prazo de tramitação de processos que envolvem decisões administrativas é excessivamente longo, os dias necessários para se constituir uma empresa ou para se pedir uma licença de exportação são comparativamente muito altos. Eu não gostaria de minimizar as novas oportunidades de investimento que surgem no país, mas certamente esse tradição burocrática é nefasta. **E põe problemas à competitividade da economia brasileira...**

Seguramente. O outro problema gravíssimo é o das deficiências infra-estruturais: redes de estradas, aeroportos, portos, quase tudo está congestionado. Terá de haver uma revolução nas infra-estruturas. Os fretes de transportes domésticos são astronómicos. Até que as mercadorias cheguem aos portos, são extremamente oneradas por esses custos altíssimos associados a uma infra-estrutura precária. **É a burocracia que também alimenta a corrupção?**
Na corrupção, o Brasil não está nos primeiros lugares, sobretudo

“

A indústria brasileira enfrenta problemas graves



com a falta de inovação.

Isso requereria uma acção agressiva do Estado

”

em comparação com outros países do mundo em desenvolvimento. Eu creio que o problema está na ressurgência da ideia de que o Estado poderá ter um papel muito mais importante no futuro da economia do que teve no passado. Isso faz parte da plataforma eleitoral da coligação que pretende a reeleição em Outubro – a ideia de um Estado intervencionista. **Essa questão do papel do Estado na economia permite diferenciar os dois candidatos principais?**
Não sei até que ponto, porque ambos se apresentam frequentemente com opiniões muito parecidas – equivocadas, mas muito parecidas. Não estou seguro que isso vá configurar um debate que marque um antagonismo entre duas posições. **Os actores económicos internacionais olham com uma**

grande tranquilidade para esta eleição porque pensam que, ganhe Dilma Rousseff ou José Serra, as grandes linhas da política económica vão manter-se. É uma avaliação correcta?

Devem dispor de fontes que não estão disponíveis para nós [gargalhada]. É difícil fazer uma previsão, principalmente porque muitas das afirmativas dos candidatos entram em conflito com posturas que já assumiram no passado. A candidata da situação, a ex-ministra Dilma Rousseff, demonstrou no passado um grande antagonismo em relação ao controlo de gastos e à política monetária do Banco Central, que considerava extremamente restritiva. Agora, virou defensora de uma posição autónoma do Banco Central. A questão é saber se é uma conversão de natureza táctica ou configura uma mudança de opinião da candidata. Por outro lado, o candidato da oposição, ao arripio do que seria a tradição do governo do PSDB, tem agora uma posição crítica em relação à autonomia do Banco Central e à política monetária restritiva.

Vi recentemente um relatório sobre a enorme falta de mão-de-obra qualificada e a oferta de milhares de empregos que ficam sem preenchimento por causa disso. Esse também é um problema para o futuro?

Há dois tipos de problema. Um, há uma baixa qualidade do ensino e os alunos brasileiros são muito mal classificados nos testes de avaliação internacionais. Mas há também o problema da mão-de-obra qualificada e especificamente orientada para os sectores que se espera serem os de maior expansão no médio prazo. O sector da energia é um exemplo disso.

Nos últimos anos, o Brasil mudou

o perfil das suas trocas comerciais. O maior parceiro é hoje a China, já não são os EUA ou a União Europeia. Isto terá consequências? Bom, existe uma controvérsia em relação a isso. Muitos analistas consideram, na minha opinião erroneamente, que teria havido um retrocesso porque a participação dos produtos primários na pauta de exportações do Brasil aumentou no passado recente. Isso tem principalmente a ver com a expansão do mercado consumidor chinês. Mas também tem a ver com o aumento substancial das cotações da *commodities* em relação aos preços dos produtos industriais, o que é uma coisa boa. A questão está em que a indústria brasileira enfrenta problemas graves relacionados com a falta de inovação. É algo que também requereria uma acção agressiva do Estado. **A tentação proteccionista já não é um risco?**

Existem várias formas de ser proteccionista. O Brasil tem uma tarifa muito alta – o limite pode ir até 35 por cento, embora a média ande por volta dos 8 por cento. Mas sempre haveria a possibilidade de aumentá-la sem temer sanções internacionais porque essa tarifa de 35 por cento está registada na OMC. Eu não acredito nesse caminho. O proteccionismo tem-se manifestado no Brasil especialmente através de decisões relacionadas com empresas que têm participação do Estado. Por exemplo, a política de compras da Petrobrás, as possíveis condições de licitação do trem-bala (comboio de alta velocidade), tudo isto está muito misturado com velhas conceções proteccionistas em relação a exigências de conteúdo nacional mínimo que dariam preferência a empresas instaladas no Brasil, que teriam uma base de protecção importante em relação às exportações. Então, há um ambiente preocupante em relação à ressurgência do proteccionismo mas dificilmente a sua manifestação será tarifária. **O que é que faz do Brasil hoje um país tão apreciado e tão elogiado por toda a gente?**

Quando se fala no Brasil como membro dos BRIC ou como um país com perspectivas futuras boas, fala-se de um país que não tem nem nunca teve grandes tensões com os seus vizinhos, que não tem problemas de separatismos, que tem uma democracia que funciona, uma *impera* livre. E também de um país que é extremamente importante em relação a determinados temas como o meio ambiente ou o acesso à água. A outra novidade são estas novas descobertas de petróleo, que são muito importantes do ponto de vista estratégico. A pergunta que cabe é se o Brasil saberá usar essa margem de manobra bem ou mal.